

O desenvolvimento da essência como reflexão e a lógica das determinações de reflexão - parte I

The development of essence as reflection and the logic of reflection determinations - Part I

Palavras-chave reflexão e determinação de reflexão, negatividade e contradição

Keywords reflection and determination of reflection, negativity and contradiction

Schlüsselbegriffe Reflexion und Reflexionsbestimmung, Negativität und Widerspruch

Christian Iber

PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Doutor e Livre Docente em Filosofia pela Freie Universität Berlin. Publicou diversos livros sobre filosofia alemã no Brasil e na Alemanha, entre os quais *Das Andere der Vernunft als ihr Prinzip. Grundzüge der philosophischen Entwicklung Schellings mit einem Ausblick auf die nachidealistischen Philosophiekonzeptionen Heideggers und Adornos*. (Walter de Gruyter, Berlin e Nova York, 1994.); *Metaphysik absoluter Relationalität. Eine Studie zu den beiden ersten Kapiteln von Hegels Wesenslogik*. (Walter de Gruyter, Berlin e Nova York: 1990); *Platon Sophistes. Griechisch-deutsch. Kommentar von Christian Iber* (Suhrkamp Verlag, Frankfurt A.M., 2007); *Elementos da Teoria Marxiana do Capitalismo. Um comentário sobre o livro I de O Capital de Karl Marx*. (Editora FI, Porto Alegre, 2013. v. 01) Bolsista CAPES.
iber_bergstedt@yahoo.de

Ipseitas, São Carlos, vol. 1, n. 1, p. 60-68, jan-jun, 2015

Resumo

Este estudo trata da análise do texto principal do primeiro capítulo da lógica da essência. Nele, Hegel desenvolve um conceito de essência crítico-ontológica como reflexão absoluta e sua diferenciação na reflexão ponente, exterior e determinante, que conduz ao conceito de determinação de reflexão. O andamento do desenvolvimento é explicado com o auxílio de considerações sistemáticas sobre os conceitos de negação e de negatividade absoluta e reconstruído num modelo dialético.

Abstract

This study is about the analysis of the main text of the first chapter of the Doctrine of Essence. There Hegel develops an ontology-critical concept of essence as an absolute reflection and his differentiation into positing, external and determining reflection resulting in the concept of determination of reflection. The development process is explained by using systematic thoughts about the concept of negation and of absolute negativity and is reconstructed within a dialectic pattern.

Zusammenfassung

Im ersten Teil der Studie geht es um die Analyse des Haupttextes des ersten Kapitels der Wesenslogik. In ihm entwickelt Hegel einen ontologiekritischen Wesensbegriff als absoluter Reflexion und ihre Ausdifferenzierung in setzende, äußere und bestimmende Reflexion, die zum Begriff der Reflexionsbestimmung führt. Der Entwicklungsgang wird mit Hilfe systematischer Überlegungen zum Begriff der Negation und der absoluten Negativität expliziert und in einem Dialektik-Modell rekonstruiert.

“Ora, o negócio da lógica é, no entanto, precisamente apenas isso: apresentar os pensamentos somente representados – e, como tais, incompreendidos e indemonstrados – como graus do pensar que determina a si mesmo, com o qual aqueles, então, ao mesmo tempo, são compreendidos e demonstrados”.¹

Orientado por esse lema quero, no que segue, reconstruir o desenvolvimento da essência como reflexão e a lógica das determinações de reflexão num modelo dialético.²

O desenvolvimento da essência como reflexão

O primeiro grau: o essencial e o inessencial

A essência é o ser suprassumido e sua negatividade absoluta. No fim da lógica do ser, com a indiferença absoluta, resultou uma categoria na qual a negação se relaciona a si mesma, na qual o ser negou todas as suas determinações, de tal modo que elas certamente ainda estão frente a ela como exteriores. Na unidade da essência como negatividade absoluta do ser, essa diferença quantitativa, exterior (HEGEL, 1969, vol 5, p.456), deve, agora, estar suprassumida e, com isso, também a relação a outro bem como o outro por excelência. A essência é “relação simples e infinitamente negativa a si”, cujo “determinar e ser determinado [...] não é um passar nem uma mudança exterior, [...] mas seu próprio relacionar a si” (HEGEL, 1969, vol. 5, p.456s). Assim, essa unidade negativa não é abstrata, mas aquela que contém a diferença em si.

No início da lógica da essência, essa diferença volta de novo agora entre a essência e o seu outro, o ser, de cuja negação ela resultara. Tomada ontologicamente como imediata, a essência é um essencial contra um inessencial, o qual é o ser. Assim, a essência e o ser se relacionam “novamente, em geral, reciprocamente um com o outro” (HEGEL, 2011, p.113s), com o que se sucede uma recaída na esfera do ser-aí. A essência, sem dúvida, é [ela] mesma o ser, mas este não apenas na medida em que ele se suprassume como imediato, mas também como “negação imediata, como negação que está acometida de um ser-outro” (HEGEL, 2011, p.114). Assim, o ser ou o ser-aí não tem mais nenhum subsistir autônomo frente à essência, ele é o “imediato *em si e para si* nulo” (HEGEL, 2011, p.115), a aparência.

O segundo grau: a aparência

A aparência, “todo o resto que ainda sobrou da esfera do ser” (HEGEL, 2011, p.115), é um nulo por excelência, um negativo contra a essência, que já sempre está negado em si mesmo. É a contradição de sua estrutura que ela tenha um ser-aí somente no seu não-ser-aí, um não autônomo que é apenas na sua negação. À aparência, que tem seu ser meramente ainda na essência, no seu não-ser, resta somente ainda a “determinidade pura da *imediatidade*” (HEGEL, 2011, p.115).

ciências filosóficas I], § 121 adendo, p. 249. In: Theorie-Werkausgabe in 20 Bänden (vol.). Eva Moldenhauer, Karl Markus Michel (Orgs.). Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1969ss. No texto, a lógica do ser é citada conforme o vol. 5 da Theorie-Werkausgabe da edição Suhrkamp. A lógica da essência cita-se conforme *Hegel. Ciência da Lógica. Excertos*. Seleção e tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.

² O presente trabalho é um resumo da apresentação do texto principal dos dois primeiros capítulos da lógica da essência desenvolvida na minha tese de doutorado: *Metaphysik absoluter Relationalität. Eine Studie zu den beiden ersten Kapiteln von Hegels Wesenslogik [Metafísica da relacionalidade absoluta. Um estudo sobre os primeiros capítulos da lógica da essência de Hegel]*. Berlin/New York: De Gruyter, 1990.

Essa imediatidade é, contudo, não mais aquela do ser ou do ser-aí, mas sim a “imediatidade *refletida*” (HEGEL, 2011, p.115), que é apenas uma função dependente da mediação ou da negação. Precisamente essa imediatidade constitui, contudo, o que Hegel denomina “o lado imediato independente” (HEGEL, 2011, p.115) da aparência contra a essência. A tarefa, agora, é a de mostrar como a aparência está suprasumida e contida na essência.

Ambos os caracteres da aparência são sua nulidade e sua imediatidade, a nulidade como subsistente. Hegel tem, portanto, que mostrar que, *em primeiro lugar*, essas duas determinações da aparência, que a distinguem da essência, são, do mesmo modo, as determinações da essência, assim como, *em segundo lugar*, que com isso a determinidade da imediatidade da aparência contra a essência está suprasumida na própria essência.

Primeiramente, ele constata que a nulidade da aparência não é outra coisa senão a própria negatividade da essência, porque ela tem nessa, seu fundamento. Porém, como negatividade absoluta, a essência é também a igualdade consigo mesma, já que a negação se relaciona meramente a si mesma. A essência é, mesmo assim, a imediatidade pela qual o ser se conservou na essência. Essa imediatidade como caráter da negatividade absoluta é, ao mesmo tempo, a imediatidade refletida pela qual a aparência estava determinada contra a essência. Ela é o ser como momento criticado na essência.

A apresentação de que a determinidade da imediatidade da aparência contra a essência está suprasumida na própria essência tem que explicitar, ao mesmo tempo, como ela, enquanto caráter da negatividade absoluta, pode estar determinada contra isso mesma. Isso ocorre em dois passos.

A negatividade da essência é ela mesma a imediatidade, desde que esta seja o caráter da autorrelação da negação. Contudo, visto que a negação autorrelacionante é, ao mesmo tempo, a relação negativa a si, o negar que repele ela mesma, ela se nega e se determina como a imediatidade que é o determinado contra ela. Visto que, porém, a negatividade apenas determina a si mesma quando ela determina a imediatidade contra si e nesse determinar é, portanto, o unir-se consigo ou o retorno em si, esse determinar suprasume imediatamente a si mesmo.

O que Hegel primeiramente explica a partir da essência ele mostra, então, também pelo lado da aparência. Essa é em si mesma a não autonomia, portanto, a relação do não autônomo ou do negativo a si mesmo. Sua imediatidade é, portanto, outra coisa que não esse próprio negativo. Na medida em que essa imediatidade é, assim, a “negação contra o negativo” (HEGEL, 2011, p.118), ela mesma é o caráter da negatividade absoluta da essência e, com isso, o suprasumir absoluto da sua determinidade contra ela.

Com esses dois passos, a aparência e a essência estão identificadas uma com a outra e precisamente de tal modo que o conceito crítico-ontológico da essência é adquirido através da identificação com o seu outro, a aparência. A essência é o aparecer de si em si mesmo, “a unidade idêntica da negatividade absoluta e da imediatidade” (HEGEL, 2011, p.117). Com isso, alcança-se o conceito de reflexão,

precisamente como pura ou destituída de substrato. A maneira como Hegel discrimina a estrutura interior dessa reflexão deixa prever que ela, como pura, não pode captar uma relação real a outro. Com a internalização da alteridade da aparência *na* essência, aquela é uma mera fantasmagoria.

O terceiro grau: a reflexão

A essência como reflexão é o movimento circular do nada para o nada que, com isso, retorna em si. Nela, o ser e a relação com o outro estão suprassumidos. A relação com o outro ou a determinidade podem ser pensadas apenas ainda na unidade com a autorrelação da negação. A “negatividade que se relaciona consigo mesma” é o “negar dela mesma” (HEGEL, 2011, p.120). Ela *existe* apenas como autonegação pura. Isso significa que a negação, na medida em que ela é (i) diferenciar, tem que se negar na sua autorrelação e, com isso, também se suprassumir, e na medida em que ela (ii) também ainda deve ser o negado ou o seu outro, ela tem que, ao mesmo tempo, também ser o que ela não é: “Ela é, assim, em geral, tanto negatividade *suprassumida* como negatividade” (HEGEL, 2011, p.120).

O outro da negação é a imediatidade. Como absoluta ou negatividade autorrelacionante, a negação é igualdade consigo mesmo e imediatidade. Na medida em que a negatividade que se relaciona a si é ela mesma e aquilo que ela não é, o outro da negatividade, ela é tanto a imediatidade, que ela mesma é, como também aquela que ela não é. No contexto da reflexão, toda a imediatidade é abrangida pela negatividade da essência.

A reflexão se diferencia na triplicidade da reflexão ponente, da reflexão exterior e da reflexão determinante:

1. A reflexão ponente

A reflexão ponente desdobra uma dialética na qual o negativo e a imediatidade se suprassumem igualmente um no outro e, com isso, ela torna explícito o caráter crítico-ontológico do conceito de essência hegeliano. Hegel conceitualiza a reflexão sob o título ‘retorno do negativo em si’; como retorno do negativo em si ela é, *em primeiro lugar*, pôr a imediatidade, desde que nisso se dê um “suprassumir do negativo” (HEGEL, 2011, p.120).

Contudo, visto que o retorno em si é uma relação do *negativo* e que a imediatidade se realiza meramente por essa relação de retorno do negativo, a imediatidade como *ser-posto* deve ser pensada somente como imediatidade que suprassume a si mesma ou apenas como determinidade puramente relacionada ao movimento do retorno.³ Ela é, ao mesmo tempo, a determinidade da aparência, “de onde, anteriormente, pareceu começar o movimento reflexionante” (HEGEL, 2011, p.121), a qual, porém, agora provém do retorno da reflexão.

A reflexão ponente é, *em segundo lugar*, pressupor. Pois no retorno do negativo em si não se dá somente um suprassumir do

3 O termo “ser-posto” caracteriza o dado, desde que ele provenha da reflexão, a saber, seja gerado por ela. A sentença lógica de essência do ser-aí reza: “O ser-aí é apenas como *ser-posto*” (HEGEL, 2011, p.126), isto é, o ser-aí é somente como ser-constituído.

negativo, antes pelo contrário, no seu retorno em si o negativo está negado como o próprio negativo. Na medida em que a reflexão como unir-se do negativo consigo é, portanto, do mesmo modo “negação do negativo como do negativo” (HEGEL, 2011, p.121), quer dizer, como do mero ser-posto, ela é o pressupor da imediatidade. Esta não é, com isso, apenas a determinidade relacionada ao retorno, mas sim um outro contra a reflexão no sentido mais forte do que o ser-posto original.

Como ser-posto, a imediatidade é o outro meramente fantasmagórico da reflexão, aquele que deve ser captado, geralmente, apenas como o negativo do retorno em si, a imediatidade que suprassume a si mesma. Na medida em que agora a reflexão suprassume a determinidade da imediatidade posta, o ser negativo meramente fantasmagórico da reflexão, ela é, inversamente, ao mesmo tempo, o unir-se consigo mesma. A reflexão suprassume, portanto, seu pôr no seu pôr e é o pressupor da imediatidade, na qual ela é o retorno em si. Mas nisso reside que a reflexão pressupõe a si mesma como seu outro no pressupor da imediatidade.

Apesar disso, pôr e pressupor devem ser pensados, primeiramente, na unidade imediata: o imediato *pressuposto existe* somente na medida em que é *posto* como tal pela reflexão. Essa *unidade do pôr e do pressupor* Hegel traz ao conceito de “*contra-impulso absoluto em si mesmo*” (HEGEL, 2011, p.122): a reflexão encontra um imediato, ela o pressupõe. Mas, ao mesmo tempo, esse imediato não é fora do pôr. Ele “*apenas se torna algo quando é abandonado*” (HEGEL, 2011, p.122).

Entretanto, esse imediato pressuposto não está distinguido da própria essência, já que a negatividade absoluta deve ser, igualmente, também a negatividade suprassumida, ou a imediatidade pressuposta é ela mesma determinada como o retorno em si, o qual, como ser-posto, suprassume-se em si mesmo (*an sich selbst*). Hegel resume o movimento reflexionante do pôr e do pressupor com a observação: “No pressupor [que é ao mesmo tempo pôr], a reflexão determina o retorno em si [que é ela mesma] como o negativo de si mesmo [como imediatidade pressuposta], como aquilo cujo suprassumir é a essência” (HEGEL, 2011, p.121).

No desenvolvimento da reflexão pressuponente originou-se uma relação de uma alteridade não somente com caráter de aparência, a qual não é mais integrável na figura do puro movimento circular destituído de substrato e que determina a reflexão para a reflexão exterior. Sem dúvida, o contra-impulso absoluto da essência em si mesmo deve ser pensado somente sob a condição de que o imediato pressuposto pela própria essência é a essência. Mas isso vale somente na medida em que ele, como ser-posto, já esteja sempre suprassumido na essência.

Mas se, de fato, agora se determina o próprio pressuposto como essência, como retorno em si, assim ele adquire, precisamente por isso, uma autonomia contra a relação na qual ele é apenas ser-posto suprassumido. Assim ele é, sem dúvida, ser-posto, desde que ele precisamente descenda da reflexão, mas ao mesmo tempo está também “determinado como *um negativo*, como imediatamente *contra* algo,

portanto, contra um outro” (HEGEL, 2011, p.122). Que ele é o seu negativo, o seu outro, agora não está mais posto pela própria reflexão. Esta é dependente do seu pressuposto e determinada por este. Ela é *reflexão exterior*.⁴

2. A reflexão exterior

Na medida em que a reflexão se torna exterior, ela se duplica no imediato pressuposto, com caráter de substrato, que Hegel aborda como reflexão-em-si, e a “reflexão que se relaciona negativamente a si” (HEGEL, 2011, p.123). Originou-se, em primeiro lugar, a situação paradoxal de que a reflexão está frente a si como alheia, já que o imediato, o qual ela pressupõe como reflexão-em-si, é, com efeito, o mesmo do que ela. Portanto, ela é exterior pelo fato de que sua relação a si não é mais nenhuma [relação] da própria reflexão.

Assim, a diferença na qual ela adentrou a si mesma não deve ser captada mais pelo conceito de reflexão absoluta, embora ela, antes de tudo, fosse produzida por essa mesma. A reflexão exterior é, portanto, também não mais o pôr da sua determinidade no todo, já que o imediato pressuposto, com caráter de substrato, está subtraído ao seu poder: “O que a reflexão exterior determina e põe no imediato são, dessa forma, determinações exteriores ao mesmo” (HEGEL, 2011, p.123).

Contra essa exterioridade Hegel faz valer que a reflexão pressupponente é, da mesma forma, essencialmente aquela ponente. Portanto, ela se relaciona a seu outro não como a um alheio, mas sim como pôr ela é o suprassumir do seu imediato negativo, portanto suprassume sua alteridade. Com isso, o desenvolvimento com certeza não está reconduzido à imanência da reflexão destituída de substrato, já que a autonomia do pressuposto, com caráter de substrato, fica mantida.

A exterioridade está, antes pelo contrário, suprassumida de tal modo que este imediato não é mais apenas *em si* ou *para nós* o mesmo que a reflexão, mas sim que agora essa identidade é posta. Ela existe, portanto, agora também *para a reflexão*. Na medida em que ela, no seu pôr negando a si mesmo é simultaneamente pôr, ela se determina como idêntica ao seu negativo, ao imediato pressuposto.

Ela é, assim, o próprio unir-se com o seu negativo e, portanto, consigo mesma. Este unir-se constitui “a imediatidade essencial” (HEGEL, 2011, p.124). A reflexão negando a si mesma e a reflexão-em-si, a qual é o imediato pressuposto, agora não são mais diferentes. A reflexão não se relaciona mais como exterior ao seu pressuposto, mas sim é a reflexão imanente da própria imediatidade com caráter de substrato.

A identificação da reflexão e do seu pressuposto não se determina de tal modo que o pressuposto desaparece novamente no retorno

4 A relação de reflexão e de seu outro com caráter de substrato, pela qual a reflexão exterior adentra, brota em Hegel da reflexão captada destituída de substrato como unidade do pôr e do pressupor. A alternativa de Marx à unidade destituída de substrato do pôr e do pressupor é a “unidade do pôr e do *ser*-pressuposto (não: *pressupor*)” (ARNDT, 2004, p. 41). De acordo com ele, a relação de reflexão e de seu outro é uma relação de *mediação objetiva*, uma unidade real de diferentes que não podem ser suprassumidos na automediação da reflexão consigo mesma.

da reflexão ponente. A reflexão se tornou, antes pelo contrário, o seu outro, de modo que ela, agora, é sua reflexão imanente. A unidade da reflexão ponente e da reflexão exterior, na qual essa identificação resultou, é a *reflexão determinante*.

3. A reflexão determinante

A reflexão que somente põe, põe como determinidade “*apenas um ser-posto*” (HEGEL, 2011, p.126), um negando-se e, por este motivo, também sempre suprassumindo-se a si mesmo. O ser-posto se torna determinação de reflexão pela unidade da reflexão ponente e da reflexão exterior, por onde acresce o momento do “pressupor absoluto” (HEGEL, 2011, p.127) ou do pôr da “determinidade *como dela mesma*” (HEGEL, 2011, p.127). A determinação de reflexão é o *ser-posto* como *reflexão-em-si*, que é, ao mesmo tempo, toda a reflexão ou, na determinação de reflexão, a reflexão deve ser pensada apenas ainda como *ser-posto refletido em si*.

Portanto, aqui a reflexão cai sob o domínio do seu outro posto. Ela é “a reflexão que veio para fora de si; a igualdade da essência consigo mesma está perdida na negação, que é a dominante” (HEGEL, 2011, p.127). A reflexão pode apenas ainda ser pensada como determinação de reflexão. Ela tornou-se determinada, sem que fosse possível recolher esse processo no seu resultado.

Hegel explica o conceito de determinação de reflexão em três passos. Por determinação de reflexão ele compreende, *em primeiro lugar*, um ser-posto que ganha estabilidade pela sua reflexão-em-si. Não obstante como ser-posto, ela está relacionada a outro. Na verdade, não à reflexão absoluta, já que esta existe apenas ainda como ser-posto. O seu outro é, assim, o mesmo do que ela, uma *determinação correlativa*. Nisso a duplicação da reflexão, que adentrou com a reflexão exterior, prevaleceu.

Contudo, *em segundo lugar*, a determinação de reflexão ao mesmo tempo trouxe de volta para si esse outro; visto que seu ser-posto é ao mesmo tempo a reflexão-em-si, ela é “*a relação sobre seu ser-outro nela mesma*” (HEGEL, 2011, p.128), ela contém, portanto, esse outro em si. Como reflexão-em-si ela é, porém, *em terceiro lugar*, também “o ser suprassumido desse ser-posto, relação infinita consigo mesma” (HEGEL, 2011, p.128) e exclui, com isso, a relação ao seu correlato de si. Com isso, as determinações de reflexão geram a aparência contumaz da sua fixação absoluta uma contra outra, a qual, na sequência, é submetida a uma crítica lógica de reflexão.

A todas as determinações de reflexão é comum que nelas se associe o ser-posto com a reflexão-em-si, a qual desmente, ao mesmo tempo, o ser-posto. Ao programa da lógica das determinações de reflexão pertence, de acordo com isso, tornar explícita a contradição latente que reside nessa estrutura lógica das determinações de reflexão e resolvê-la pela reparação da sua causa: a reflexão-em-si que denega o ser-posto.

Conclusivamente, eu gostaria de fazer considerações sistemáticas sobre as formas da negação e da imediatidade, que são de importância no desenvolvimento da essência como reflexão.

Do desenvolvido anteriormente deixam-se distinguir as seguintes formas da negação: 1. a primeira negação: (i) a negação como determinidade (Spinoza), (ii) a alteridade (Platão), (iii) o diferenciar, a diferença, 2. a negação dupla ou a negatividade absoluta: (i) a dupla negação não autorrelacionante: $N_1 - N_2$, (ii) a dupla negação autorrelacionante. $N - N$.

A dupla negação autorrelacionante aponta dois aspectos: 1. o negar-se ou supressumir-se da negação como determinidade, 2. a constituição da negação como determinidade e 3. a duplicação da negação autorrelacionante em si e no seu outro : $(N - N)_1 - (N - N)_2$.

As seguintes formas da imediatidade se deixam distinguir: 1. a imediatidade simples da lógica de ser: $I_1 \leftrightarrow N$: a imediatidade como o outro da negação, 2. na transição do ser para a essência, a imediatidade se mostra como já sempre supressumida na negatividade da essência: $I \leftarrow N \rightarrow N - N$, 3. a imediatidade lógica de essência que é a forma da autorrelação da negatividade: $N - N = I_2$ e, finalmente, 4. a constituição retroativa da imediatidade lógica de ser: $I_1 \leftarrow N = N - N = I_2$; $N - N \rightarrow I_1$.

Somente nos lugares na Lógica nos quais, com o pensamento da duplicação da reflexão, ele quer fundamentar que o outro com caráter de substrato da reflexão não é outra coisa senão em si mesmo reflexão, Hegel se refugia na questionável regra gramatical antiga de que da negação dupla no sentido do dizer que não (*Verneinung*) se origina um resultado positivo (*duplex negatio est affirmatio*). Isso é o que constitui o pensamento básico do seu idealismo.

De resto, Hegel compreende a negação não primariamente como dizer que não, mas sim como atividade do supressumir que tem sempre a tripla significação do negar, do conservar e do elevar; não obstante isso, o dizer que não está ancorado no sucesso básico da negação. Da negação se segue o dizer que não quando se abstrai e se isola da unidade dos seus significados. O dizer que não – Hegel diz na lógica do ser-aí – é a negação destituída de realidade que está frente a uma realidade destituída de negação (HEGEL, 1969, vol. 5, p.118). A reflexão destituída de substrato da essência tende, portanto, para uma negação dupla no sentido do dizer que não, o qual é o dizer que não dele mesmo. Pelo contrário, deve ser dito que não pode haver nada que resulte do dizer que não por excelência.⁵

O desenvolvimento no capítulo 1 da lógica da essência se deixa apresentar sob o título “desenvolvimento da essência como reflexão” no seguinte modelo dialético de três graus.

Primeiro grau: o essencial e o inessencial

I.1 A essência como ser supressumido

I.2 O essencial \leftrightarrow o inessencial

I.3 A aparência

⁵ Henrich compreende a negação em Hegel sem exceção como dizer que não (*Verneinung*). De acordo com ele, Hegel ontologiza a declaração negativa e projeta, com isso, o dizer que não na realidade efetiva (HENRICH, 1978, pp.231-229).

Segundo grau: a aparência

II.1 A aparência

II.2 A essência ↔ a aparência → a unidade da aparência e da essência: a essência como o aparecer de si em si mesmo

II.3 A reflexão (II.3 como II.1/II.2)

Terceiro grau: a reflexão

III.1 A reflexão ponente: (i) o pôr, (ii) o pressupor, (iii) a unidade do pôr e do pressupor: o contra-impulso absoluto em si.

III.2 A reflexão exterior ↔ o imediato pressuposto
(a reflexão-em-si com caráter de substrato)
(a duplicação da reflexão)

III.3 A reflexão determinante (a unidade da reflexão que põe (III.1) e da reflexão exterior (III.2) = a reflexão vem sob a dominação do ser-posto → a reflexão que veio para fora de si é, ao mesmo tempo: a reflexão imanente do imediato, a constituição da imediatidade essencial → a determinação de reflexão é o ser-posto como reflexão-em-si pressuposto que é toda a reflexão. A reflexão deve ser pensada apenas como determinação de reflexão.

Bibliografia

ARNDT, Andreas. *Unmittelbarkeit [Imediatidade]*. Bielefeld: transcript, 2004.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik [Ciência da Lógica]* I e II. In: *Theorie-Werkausgabe in 20 Bänden (vol.)*. Eva Moldenhauer, Karl Markus Michel (Orgs.). Vol. 5 e 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969ss.

HEGEL. *Ciência da lógica*. Seleção e tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I [Enciclopédia das ciências filosóficas I]*. In: *Theorie-Werkausgabe in 20 Bänden (vol.)*. Eva Moldenhauer, Karl Markus Michel (Orgs.). Vol. 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1969ss.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. v. I. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.

HENRICH, Dieter. *Formen der Negation in Hegels Logik [Formas da negação na lógica de Hegel]*. In: *Seminar: Dialektik in der Philosophie Hegels [Seminário: Dialética na filosofia de Hegel]*, Rolf-Peter Horstmann (Org.). Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1978.

IBER, Christian: *Metaphysik absoluter Relationalität. Eine Studie zu den beiden ersten Kapiteln von Hegels Wesenslogik [Metafísica da relacionalidade absoluta. Um estudo sobre os primeiros capítulos da lógica da essência de Hegel]*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter 1990.